

II – A Sacerdotisa: simbolização do poder e do domínio feminino, da essência da mulher, com seus segredos e seu sexto sentido; a carta do tarot de Marselha A Sacerdotisa refere-se também ao inconsciente, aos pressentimentos e a sonhos premonitórios; representa uma mulher guerreira, que luta com sabedoria por seus objetivos; esta carta também mostra a importância da humildade em reconhecer limitações e saber a hora de se retirar e esperar oportunidades.



Pés

Ensaio visual - Janaina Schvambach
Disciplina: Filosofia, arte e ensino
Professora: Elaine Schmidlin
Doutorado em Artes Visuais/UDESC



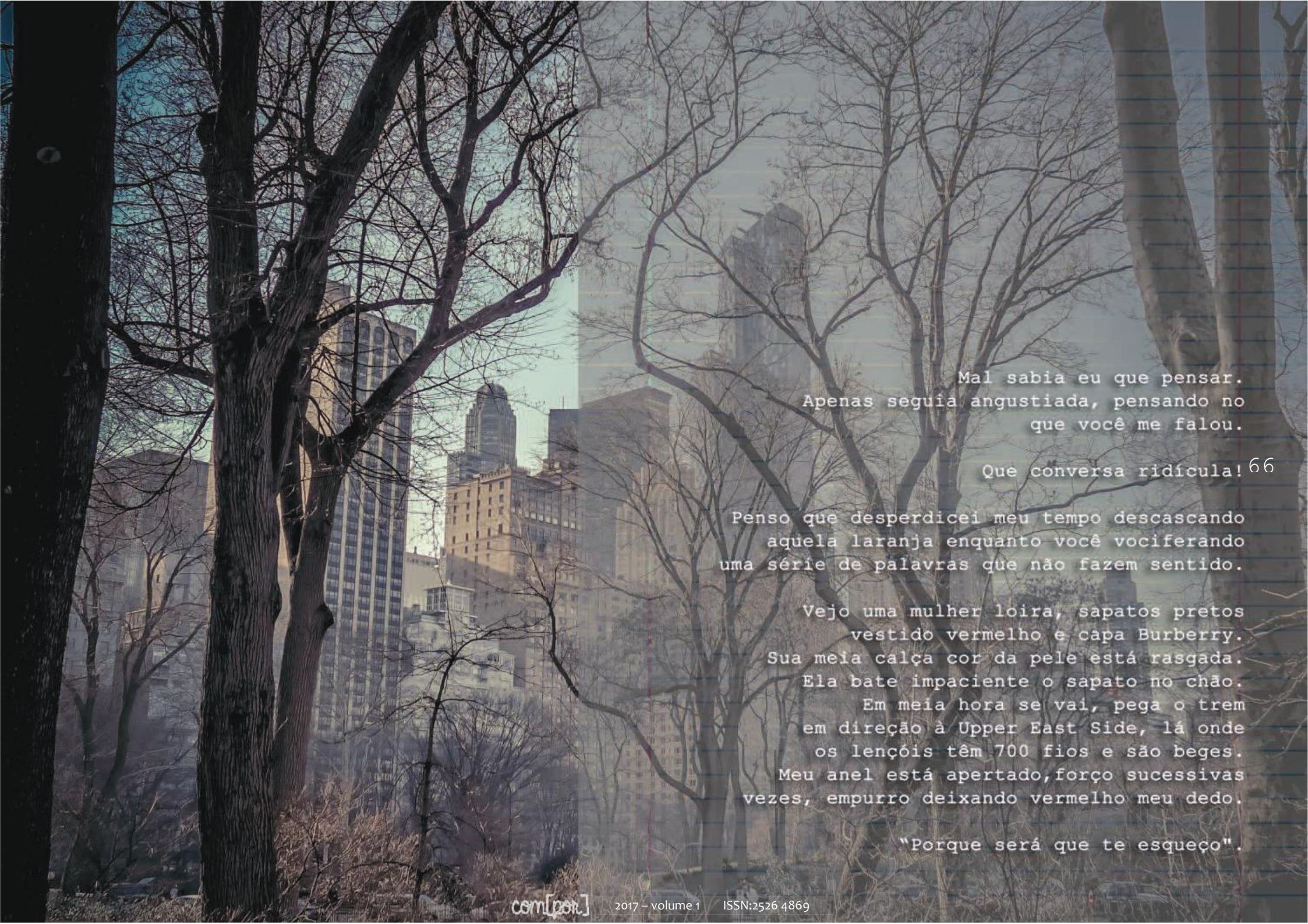
Sob seus pés me encolhi vazia entre os trens do metrô. Às vezes acho que o estalar do metal nos trilhos ressoa como uma chuva ácida. Um rato correu entre uma lixeira e a escada.

Ouçõ passos e estalos.

Ao encostar no corrimão, sinto a gordura dos outros. Nos cantos sujos, jogo o cigarro manchado de batom rosa shocking. O som estridente do freio faz lembrar que tudo está por um fim. No caminho um pedinte visivelmente desesperado vestia uma jaqueta verde oliva velha do exército. Entre os fios brancos e pretos de sua barba, um bafo de quem comeu fazem dois dias. Ao chão, uma caixa de papelão, suja, nojenta, com algumas moedas. Ele vestia chinelos, suas unhas cresciam visivelmente, o pé era como uma estrada seca de barro cheia de craquelados. Mesmo assim, estava sorridente e humildemente pedia uma moeda.

65

Ignorei.



Mal sabia eu que pensar.
Apenas seguia angustiada, pensando no
que você me falou.

Que conversa ridícula! 66

Penso que desperdicei meu tempo descascando
aquela laranja enquanto você vociferando
uma série de palavras que não fazem sentido.

Vejo uma mulher loira, sapatos pretos
vestido vermelho e capa Burberry.
Sua meia calça cor da pele está rasgada.
Ela bate impaciente o sapato no chão.

Em meia hora se vai, pega o trem
em direção à Upper East Side, lá onde
os lençóis têm 700 fios e são beges.
Meu anel está apertado, forço sucessivas
vezes, empurro deixando vermelho meu dedo.

"Porque será que te esqueço".



Já passa das "dez da noite", observo atentamente os degraus da escada. Vejo uma série de sapatos pretos, sandálias de prata, tênis. A todo o momento um papel de bala cai no chão, escapa dos bolsos, como escapei de ti. Aquele dia era "três da tarde", você tinha cheiro de álcool e fumaça. Eu sentia dor nos pés, encolhida na cadeira passava os dedos da minha mão nos dedos de meu pé. 67

Era um quarto comum, cama de ferro, varanda, cortinas brancas, piso de madeira (velha e suja). Nos cantos, poeira acumulada. O relógio fazia questão de demarcar sua presença, os movimentos dos ponteiros pareciam ecos dentro de uma grande catedral. Desconcertante. Você, insolente na varanda observava e falava sozinho.

Ouçó passos e estalos.



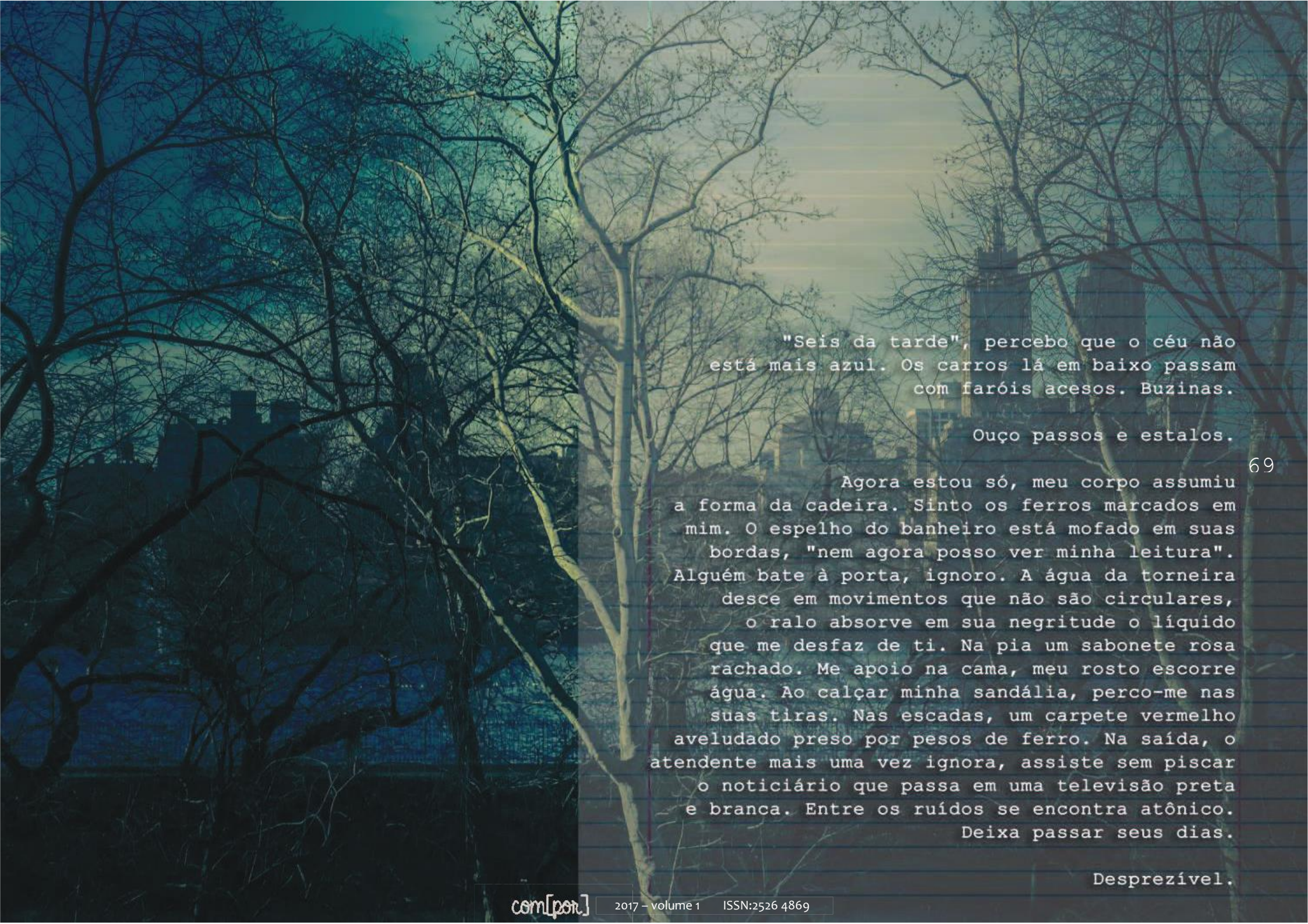
No corredor, sons de sapatos e sandálias de salto fino. A porta mal fechava, o trinco redondo. Percebi que a porta havia sido pintada muitas vezes. Camadas, algumas azuis, outras verdes. Por vezes ou outra, vi alguns pingos pelo assoalho.

68

"Te olham da janela", feito louco você ignora. Falo uma ou duas palavras, você ignora, feito louco, feito louca.

Meus pés estão empoeirados, piso sobre o tapete verde e acabado. Entre as falhas, percebo-me suja. "Que o resto do enorme aposento" lateja solidão. Entre as paredes, escuto os canos, escorre um líquido aquoso, uma espécie de liga. A ferrugem presente transforma-se em tons de verde piscina, minha cor favorita. Minha cinza cai ao chão, não me importo.

Estou paralisada.



"Seis da tarde", percebo que o céu não
está mais azul. Os carros lá em baixo passam
com faróis acesos. Buzinas.

Ouçó passos e estalos.

69

Agora estou só, meu corpo assumiu
a forma da cadeira. Sinto os ferros marcados em
mim. O espelho do banheiro está mofado em suas
bordas, "nem agora posso ver minha leitura".
Alguém bate à porta, ignoro. A água da torneira
desce em movimentos que não são circulares,
o ralo absorve em sua negritude o líquido
que me desfaz de ti. Na pia um sabonete rosa
rachado. Me apoio na cama, meu rosto escorre
água. Ao calçar minha sandália, perco-me nas
suas tiras. Nas escadas, um tapete vermelho
aveludado preso por pesos de ferro. Na saída, o
atendente mais uma vez ignora, assiste sem piscar
o noticiário que passa em uma televisão preta
e branca. Entre os ruídos se encontra atônico.
Deixa passar seus dias.

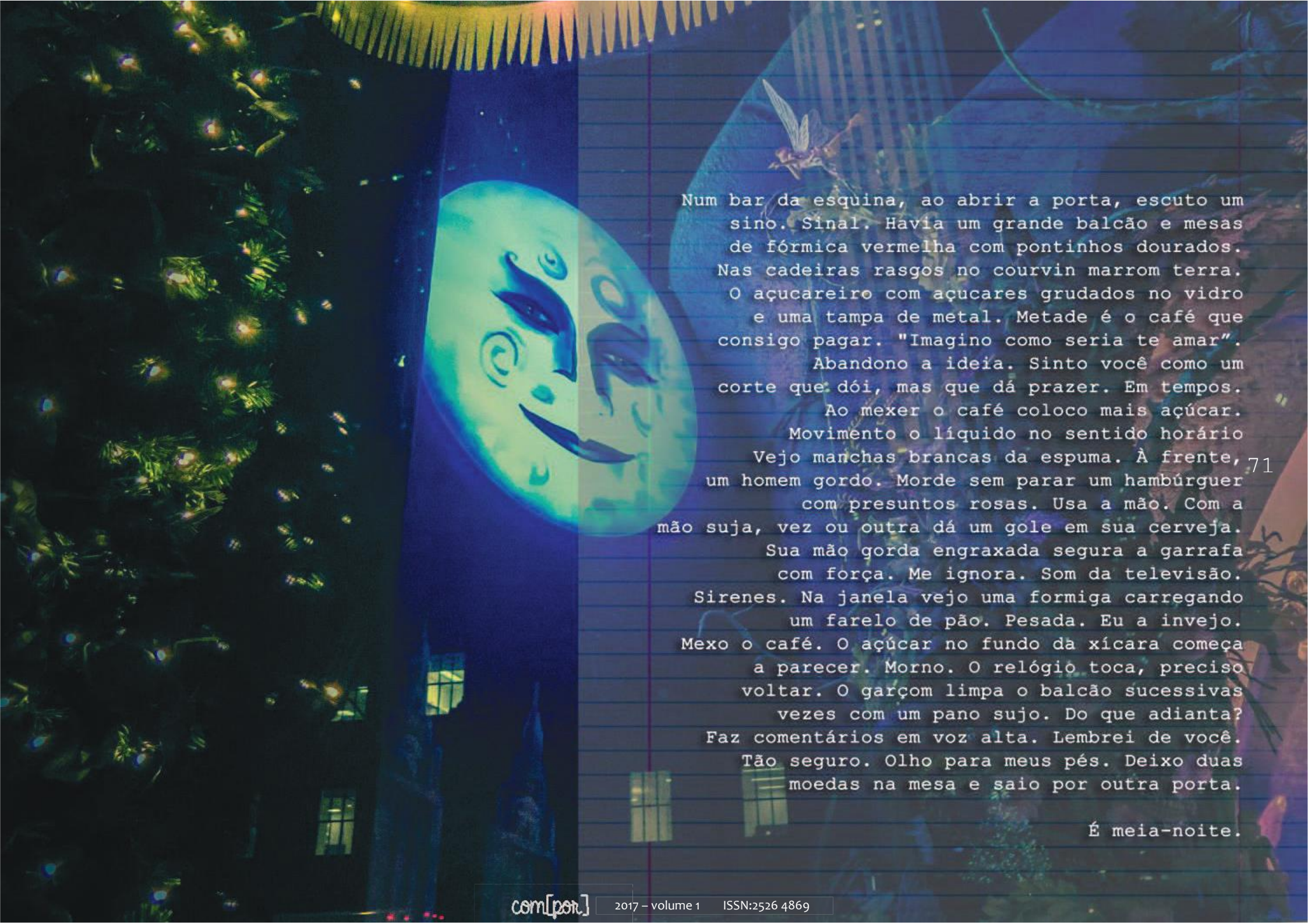
Desprezível.



Quando o pé calça a calçada, sinto o gelo
que sopra o vento. Minhas pernas desprotegidas
e sujas, estão também congeladas. Combinação
perfeita. Meu corpo gelado e duro protegido por
uma echarpe. Nas ruas entre ratos, bitucas de
cigarro e fuligem, percebo calçando a calçada
fissuras desreguladas.

Ouçó passos e estalos. 70

A sandália machuca meu pé que insiste em
escorregar. Encosto muitas vezes os dedos
no chão sujo. Vejo um tom de pele acinzentado.
Três ou quatro moedas perdidas em minha
bolsa. Ticket do museu que um dia visitei.
Papel de bala e remédios. Dor. Você não
imagina o que se passa. Caminho. Às
vezes meus dedos do pé encostam no chão.
É noite.
Preciso de um café e um cigarro.



Num bar da esquina, ao abrir a porta, escuto um sino. Sinal. Havia um grande balcão e mesas de fórmica vermelha com pontinhos dourados. Nas cadeiras rasgos no courvin marrom terra. O açucareiro com açucares grudados no vidro e uma tampa de metal. Metade é o café que consigo pagar. "Imagino como seria te amar".

Abandono a ideia. Sinto você como um corte que dói, mas que dá prazer. Em tempos.

Ao mexer o café coloco mais açúcar.

Movimento o líquido no sentido horário

Vejo manchas brancas da espuma. À frente, ⁷¹

um homem gordo. Morde sem parar um hambúrguer com presuntos rosas. Usa a mão. Com a

mão suja, vez ou outra dá um gole em sua cerveja.

Sua mão gorda engraxada segura a garrafa com força. Me ignora. Som da televisão.

Sirenes. Na janela vejo uma formiga carregando um farelo de pão. Pesada. Eu a invejo.

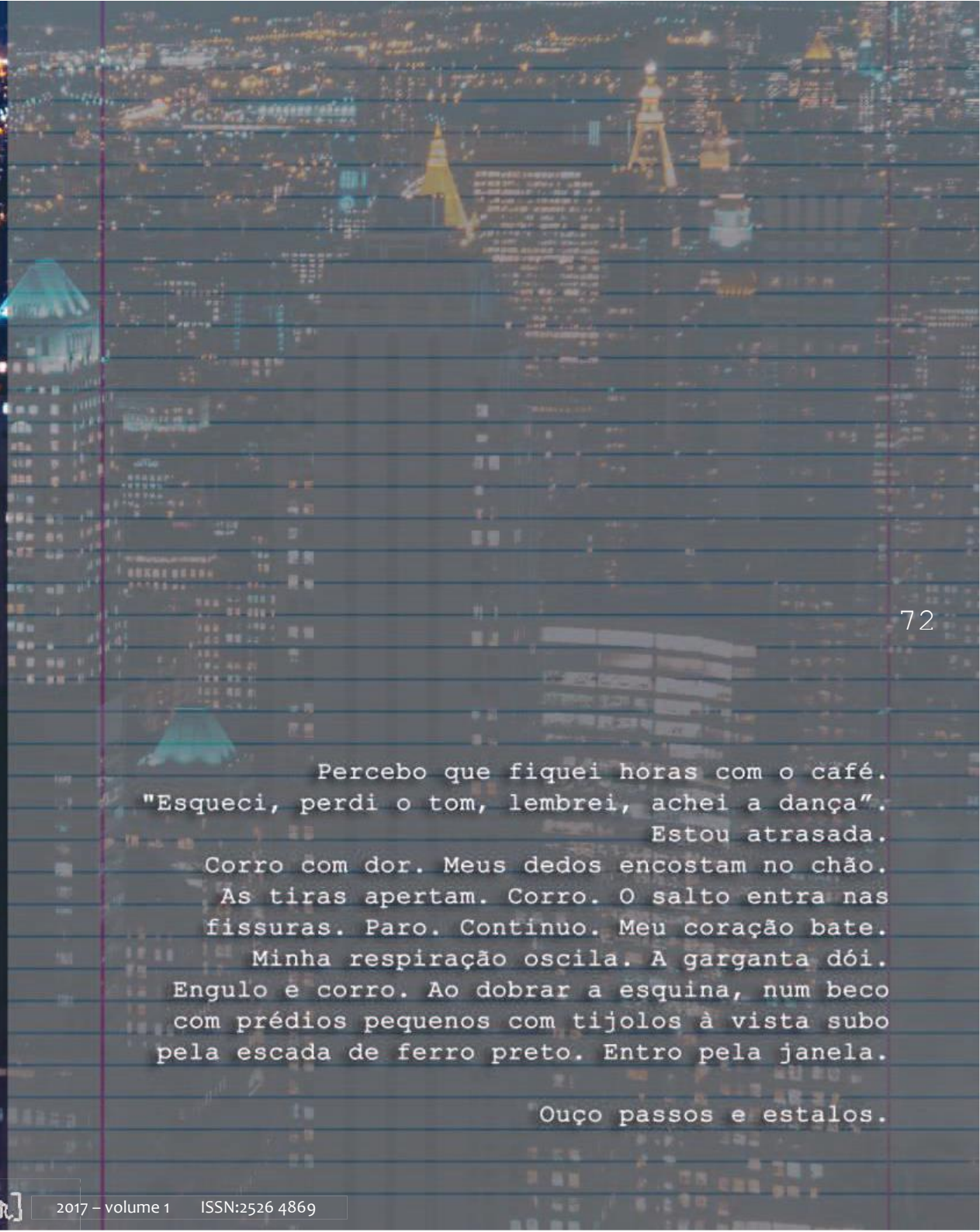
Mexo o café. O açúcar no fundo da xícara começa a parecer. Morno. O relógio toca, preciso voltar. O garçom limpa o balcão sucessivas

vezes com um pano sujo. Do que adianta?

Faz comentários em voz alta. Lembrei de você.

Tão seguro. Olho para meus pés. Deixo duas moedas na mesa e saio por outra porta.

É meia-noite.



Percebo que fiquei horas com o café.
"Esqueci, perdi o tom, lembrei, achei a dança".

Estou atrasada.


Corro com dor. Meus dedos encostam no chão.

As tiras apertam. Corro. O salto entra nas
fissuras. Paro. Continuo. Meu coração bate.

Minha respiração oscila. A garganta dói.

Engulo e corro. Ao dobrar a esquina, num beco
com prédios pequenos com tijolos à vista subo
pela escada de ferro preto. Entro pela janela.

Ouçõ passos e estalos.



Mulheres e homens gritam no corredor. 73
Alguém bate à porta. Grito. Fico nua sem tirar
a sandália. Visto um collant e saia amassada.
Me banho em glitter. O espelho. Olheiras.
Olhos cansados. É um quarto feio. Assoalho
de madeira e cama pequena. Na penteadeira
algumas luzes queimadas e pós quebrados.
Meu batom é rosa forte. Marco meu olho, pinto
minha boca e prendo o cabelo. Alguns fios não
obedecem. Uso grampos. Perfume. Alguém bate
à porta. Grito. Estou pronta. Não, mas sigo.
Ao abrir a porta, cheiro de cigarro e álcool.
Respiro. Será por pouco tempo. Será que você
estará lá. Espero que não. No corredor passam
uma ou duas mulheres. Felizes. Sinto pena.
Recebo ordens. Quando a música começa.

Meus pés doem.



Vejo a contraluz cabeças e alguns garçons.
Uma luz laranja ao fundo.
Cabeças que não tem rostos. Objeto para objetos.
"Preciso de alguém que só me ame".
Giro com apenas um pé no chão. Ao fundo
ouço passos e estalos. Alguém joga cerveja.
Fico gelada. Meu pé agora banhado de cerveja,
encosta no chão. Ignoro. Está acabando.
Entre gritos e aplausos, vergonha. Acabou. 74
Atrás do palco, mulheres passam por mim.
Gargalham. Escorada na parede desço até o
chão. Encolho e abraço minhas pernas. O brilho
está dentro dos meus olhos. Vejo algumas
luzes. Pela janela à frente, sou banhada pela
luz da cidade. Outdoors piscam coloridamente.
Meus olhos ardem. Sou incapaz de fechá-los.
"Estou muito compenetrada no meu pânico".
No chão algumas fissuras no assoalho. Dentro
delas uma sujeira preta. Com minha unha marco
a madeira. O tempo passa e o céu começa a
mudar de cor. Está amanhecendo. Meu corpo dói.
Sou uma fraude. Penso no seu corpo.
Estou imóvel. Ao me reerguer, sinto os joelhos.
Meus pés estão sujos. Preciso de um banho.
Penso no seu corpo em cima do meu.

Suor.



No banheiro ouço passos e estalos.

Na banheira cheia de água morna me desfaço de ti. O sabonete rosa passa pelo meu corpo. Me apoio nas bordas da banheira.

O chão preto e branco, as paredes com azulejos brancos e uma listra verde clara.

A cortina ignorei. Está oleosa de restos dos outros. Olho para meus pés, ainda estão marcados. Ao mergulhar lembro vagamente

da nossa primeira vez no mar. Meus pés na areia grossa e você a segurar a minha cintura. A onda batia em meu peito. Gelada

de início, morna depois de um tempo. Meus cabelos grudados pelo sal. Não me importava.

"Quando desisto é que surges". Agora não dá mais. Só restou cinza e suor. Penso em mergulhar para sempre. A água acinzentada está

cheia de brilhos. Azulejos estão quebrados, com fissuras. O tempo um pouco mofado. A água está fria. Me desfaço. A toalha áspera

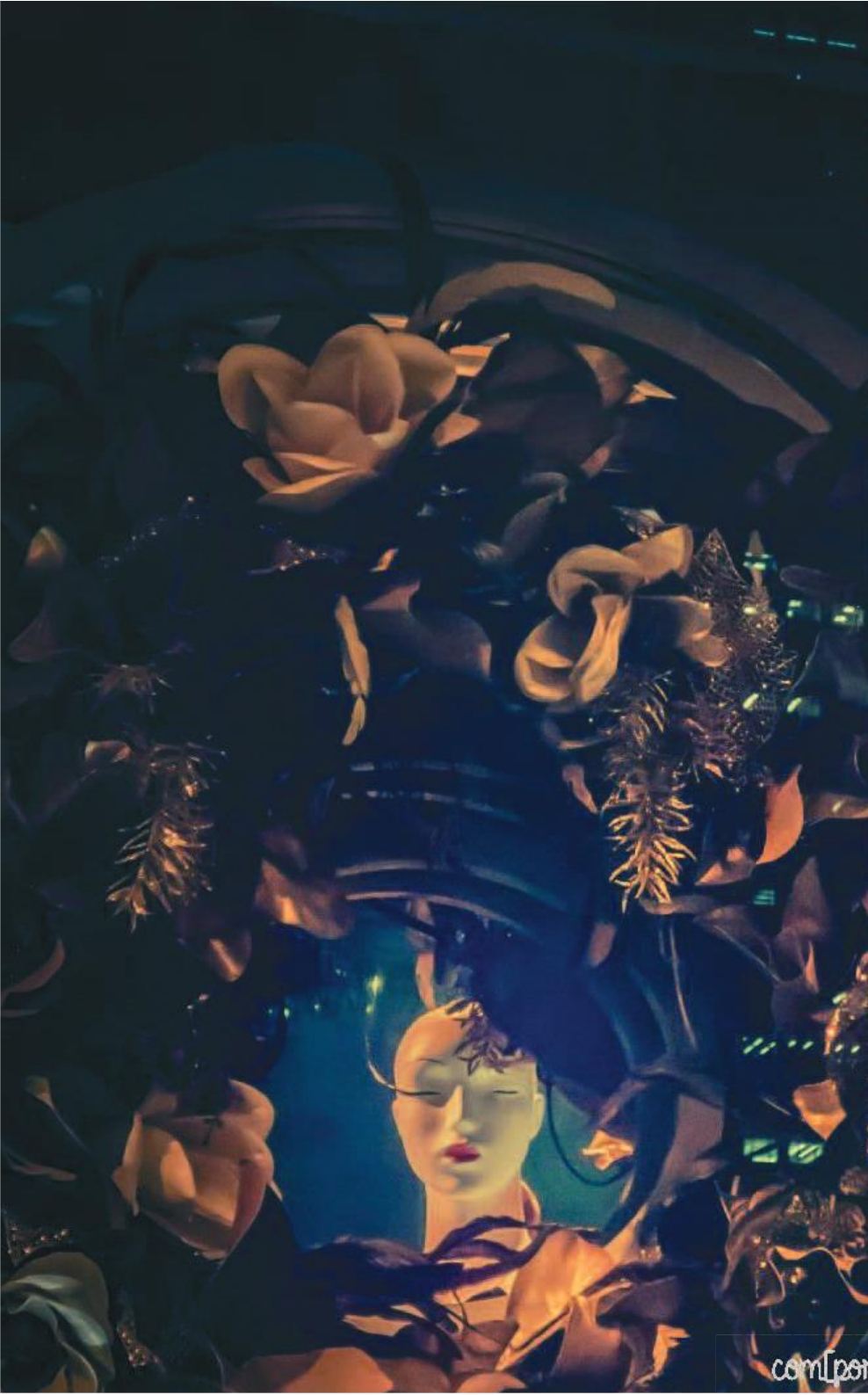
ao tocar minha pele leva o último de você. "Imagino como seria te amar". Quais palavras. Preciso fechar meus olhos, deitar meu corpo.

Meus cabelos embaraçados caem no chão. Barulho da escova. Seco. Meus olhos vermelhos.

Preciso fechar meus olhos. No corredor, ouço passos e estalos. Enquanto o dia se faz, eu me desfaço. Penso no que você me disse.

Dói como uma fissura. Deito no leito.

Adeus.



Ouço Ana. Ela passa, sorri e vai. 76